

EDUCAÇÃO SEXUAL NUMA ABORDAGEM EM ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

SEXUAL EDUCATION IN AN APPROACH TO SCIENTIFIC LITERACY

Claudionor Renato da Silva¹**Resumo**

É possível uma metodologia de prática pedagógica em Educação Sexual (ES) num formato de Alfabetização Científica (AC)? Com esta questão proposta, objetiva-se deslocar o biologicismo do currículo da educação básica, sobretudo, dos Livros Didáticos do Ensino de Ciências, para em seu lugar colocar uma *scientia sexualis* “invertida” – Michel Foucault – ou seja, colocar no lugar do biologicismo um “contra operante” ao dispositivo geral de sexualidade. Essa aproximação teórica permitiu a construção de um novo conceito de ES. De metodologia bibliográfica, o estudo apresenta, enfim, uma proposta de formação e de práticas pedagógicas em ES ancoradas numa abordagem de AC chassotiana. Os resultados do estudo teórico apontam três possibilidades de aproximação da ES com a AC: 1) a inserção de uma cientificidade “nova”, no âmbito dos estudos sobre sexualidade, gênero, direitos humanos, linguagens, corpos, interculturalidade, etc.; 2) um projeto de transformação científico-educacional, social e político, para além dos corpos e para além dos seus “controles” e suas “proibições”; 3) a utopia (não-lugar) da formação de Educadores(as) Sexuais, em curto prazo, num foco “científico-social-integrador”. Todas estas três possibilidades estão articuladas pela definição de ES construída no artigo sob a *scientia sexualis* “invertida” e proposta como aplicação nas bases da AC chassotiana. A conclusão do estudo é o incentivo de pesquisas por pesquisadores(as) iniciantes, desde a Iniciação Científica, em cursos de graduação, em especial, licenciaturas, com a finalidade de formalizar estas aproximações construídas nesse texto e prosseguir o avanço da produção de conhecimentos em Educação Sexual.

Palavras-chave: Educação sexual. Alfabetização científica. Foucault.

SEXUAL EDUCATION IN AN APPROACH TO SCIENTIFIC LITERACY**Abstract**

Is a methodology of pedagogical practice in Sex Education (SE) possible in a Scientific Literacy (SL) format? With this proposed question, the objective is to displace the biologicism of the curriculum of basic education, above all, of the Textbooks of Science Teaching, to put in its place an “inverted” *scientia sexualis* – Michel Foucault – that is, to put in the place of biologicism a “counter-operant” to the general device of sexuality. This theoretical approximation allowed the construction of a new concept of higher education. Based on a bibliographical methodology, the study finally presents a proposal for training and pedagogical practices in SE anchored in a Chassotian SL approach. The results of the theoretical study point to three possibilities for bringing ES closer to SL: 1) the insertion of a “new” scientificity, within the scope of studies on sexuality, gender, human rights, languages, bodies, interculturality, etc.; 2) a project of scientific-educational, social and political transformation, beyond bodies and beyond their “controls” and their “prohibitions”; 3) the utopia (non-place) of the formation of Sex Educators, in the short term, in a “scientific-social-integrating” focus. All these three possibilities are articulated by the

¹ Doutor em Educação Escolar. Universidade Federal de Jataí. Goiás.

definition of SE constructed in the article under the “inverted” *scientia sexualis* and proposed as an application on the basis of Chassotian CA. The conclusion of the study is the encouragement of research by beginning researchers, from Scientific Initiation, in undergraduate courses, in particular, degrees, with the purpose of formalizing these approaches built in this text and continuing the advancement of knowledge production in Sex Education.

Keywords: Sex education. Scientific literacy. Foucault.

INTRODUÇÃO

Esse texto traz uma contribuição para área da Educação Sexual, nos temas da educação, gênero, cultura e Direitos Humanos. Particularmente, nos temas da educação e de gênero, as reflexões aqui construídas debruçam-se sobre o educar sexualmente em pensar propostas válidas e legitimadas, seja para o currículo da educação escolar, seja para a formação em espaços não escolares, como, por exemplo, nos movimentos sociais (Gohn, 2010) e nos partidos políticos. A contribuição do texto evoca ainda a urgente e atualizada propositura de frentes de debates em Educação Sexual, em especial, para o momento político e social que vive o Brasil. A contribuição é também uma ampliação de um debate do sobre Educação Sexual Científica (SILVA, 2020).

Educação e gênero firmam-se como “assuntos” da área da Educação Sexual com todas as suas temáticas de abrangência de investigação, como por exemplo, sexualidade, sexologia, feminismo e feminilidades, masculinidades, estudos nas temáticas gays, temáticas lésbicas, travestis, transexuais, *queers*, digissexualidades, educação escolar em sexualidade humana, “vontade de saber”, vontade de prazer, etc.

A pesquisa em Educação Sexual na particularidade desse texto visa uma desconstrução do biologicismo, geralmente, vinculado ao ensino de ciências e, por isso, elege a Alfabetização Científica (Chassot, 2017) como um “aplicativo-curricular” em Educação Sexual, para colocar “gênero” – um dos temas da Educação Sexual – como categoria e conteúdo, para além do biológico e, abarcar o sentido de *scientia sexualis*, elaborada por Michel Foucault.

Cabe o alerta que o presente texto está longe de uma ideia ou lógica biologicista (seja de característica anatômica ou de saúde), em Educação Sexual, sobretudo, no conteúdo do ensino de ciências na educação básica. Trata-se de uma proposta outra, diferente, adicional, complementar e mais ampla, qual seja, a associação a uma ciência de prática social, de diversidade, de gênero e de direitos em sexualidade humana como propõe Silva (2020).

Por ser ensaístico, utiliza-se da metodologia da pesquisa bibliográfica, em Sampieri; Collado e Lúcio (2006). Para esses autores, a metodologia bibliográfica, permite, não apenas o elencamento de dados em fontes, como livros, *sites*, artigos em periódicos, etc. A estrutura de pesquisas sob esta metodologia envolve encontrar lacunas, encontrar as mensagens de “plano de fundo” e, desta forma, indicar caminhos, novas pesquisas, novos olhares e até construção de novos conceitos, definições e categorias que ajudem/auxiliem na continuação da pesquisa, seja para o formato bibliográfico-teórico, ou então, para se projetar em uma pesquisa de prática, empírica.

A organização das seções desse trabalho caminha, portanto, para apresentar possíveis aproximações (teóricas) entre a Educação Sexual (ES) e a Alfabetização Científica (AC), numa “configuração” de *scientia sexualis* de Foucault, em dimensões “invertidas” ao dispositivo geral de sexualidade.

A resposta à problemática se inicia com a seção seguinte, com uma definição inovadora de Educação Sexual, a partir de Michel Foucault na obra “História da Sexualidade I”.

EDUCAÇÃO SEXUAL E A *SCIENTIA SEXUALIS* DE FOUCAULT: PROBLEMATIZANDO... CRIANDO UMA DEFINIÇÃO

Nesta seção se fará a apresentação do conceito de Educação Sexual que se elabora nesse trabalho, com apontamentos realizados sob a leitura da *scientia sexualis* de Foucault (1999).

Depois, desta construção, se passa a configurar esta Educação Sexual como possivelmente aplicável na Alfabetização Científica, algo a ser discutido na próxima seção.

A *scientia sexualis* de Foucault indica caminhos para uma definição de Educação Sexual, bem como, se pensa também, que encaminha uma possível metodologia, ou seja, práticas pedagógicas em Educação Sexual, que se forjarão nesse estudo, nas bases da Alfabetização Científica.

Antes de apresentar as duas definições que balizam a proposta desta seção – com uma definição que nasce do *scientia sexualis* de Foucault - se discorre sobre o *scientia sexualis*.

“*Scientia sexualis*” é o título da terceira parte, da grande obra de Michel Foucault, a “História da Sexualidade I – A vontade de saber”. Foucault, apresenta, que a *scientia sexualis* é um projeto potente da sociedade burguesa europeia, um projeto estruturado, sobretudo, sob diversos “dispositivos”, sendo, o mais amplo ou geral, o “dispositivo de sexualidade” ou

“dispositivo geral de sexualidade”, que fez ou que permitiu imperar a verdade sobre o sexo: o sexo como produto do dispositivo de sexualidade. Uma sexualidade que existiu num formato de discursos que é a própria *scientia sexualis*. Como afirma Foucault:

A “sexualidade” é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, que é a *scientia sexualis*. [...] correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade. [...] a sexualidade foi definida como sendo “por natureza”, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização. [...] É a “economia” dos discursos, ou seja, sua tecnologia intrínseca, as necessidades de seu funcionamento, as táticas que instauram, os efeitos de poder que os sustêm e que veiculam. (FOUCAULT, 1999, p. 67).

Como atesta Foucault (1999) a história da sexualidade que é a *scientia sexualis* é a história dos discursos, uma engenharia “perversa”, com elaboração de vários dispositivos, além do dispositivo geral de sexualidade e com o “apoio-ação” das instituições sociais.

O dispositivo geral de sexualidade é acompanhado por outros dispositivos, citados na própria obra foucaultiana em questão. São eles: o dispositivo da política, os dispositivos arquitetônicos, o dispositivo de controle, os dispositivos de vigilância, os dispositivos de barragem, os dispositivos de saturação sexual e, ainda, o que o autor define como “múltiplos” dispositivos de poder.

Os dispositivos dão base à *scientia sexualis* e contribuem, na especificidade desse texto, para a elaboração de uma definição de Educação Sexual, a ser aplicada no formato ou na abordagem da Alfabetização Científica.

Sem a preocupação de conceituar “dispositivo” e explicar os nomes, o significado e aplicação dos dispositivos elencados na obra de Foucault (1999), adota-se o dispositivo geral de sexualidade, como o engenho “perverso” da burguesia em manter-se no poder, controlando corpos, controlando desejos, mascarando o “sexo” a partir da “esquiva”, utilizando-se para isso da Pedagogia, da Medicina e da “polícia do sexo”, nas proibições.

A ciência da sexualidade dominada pela medicina (científica), em maior grau e importância permitiu uma engenharia de produção de verdade sobre o sexo e a sexualidade com participação direta da Igreja, com as confissões. A partir dessas primeiras colocações, o autor nos permite criar duas definições de Educação Sexual na proposta que se faz nesse texto, qual seja, a organização de uma “outra” ou “específica” definição Educação Sexual que se faça *scientia sexualis* na Alfabetização Científica, para além do biológico, mas com limitações e configurações de “inversão” dos discursos de “verdade” que se projetem a partir de então como discursos emancipatórios.

A primeira definição ou, pelo menos, uma ideia de definição possível de Educação Sexual, para o âmbito da *scientia sexualis* apresentada na obra foucaultiana, é a seguinte:

[...] um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. Durante séculos a verdade do sexo foi encerrada, pelo menos quanto ao essencial, nessa forma discursiva. **E não na do ensino (a educação sexual se limitou aos princípios gerais e às regras de prudência)** [...]. (FOUCAULT, 1999, p. 61, grifos meus).

Ao se referir às confissões que trouxeram “grandes” informações sobre o sexo e a sexualidade das pessoas, Foucault (1999) está nos ajudando a pensar o que a *scientia sexualis* deve organizar enquanto currículo ou formato de existência na contemporaneidade. Deve-se organizar o ensino, afirma Foucault (1999), na habilidade de gerar comunicação, promover formação; ensinar-aprender é problematizar e não apresentar algo pronto, acabado, inflexível. Verdades (mentirosas) criadas como “rituais”, de que fala Foucault, que não eram os *ars erótica*, mas as confissões que se faziam para os padres que, por sua vez, criaram os códigos de sexo e sexualidade que deviam ser seguidos pelos burgueses, primeiro, e, depois por todo o “resto”, afirmados e apoiados, pela medicina, pela pedagogia e pela psiquiatria.

Um segundo caminho de reflexões foucaultianas, na *scientia sexualis*, para uma definição de Educação Sexual em uma abordagem na Alfabetização Científica pode ser encontrada no seguinte fragmento:

[...] o postulado inicial que gostaria de sustentar o mais longamente possível é que esses dispositivos de poder e de saber, de verdade e de prazeres, esses dispositivos tão diferentes da repressão, não são forçosamente secundários e derivados; e que a repressão não é sempre fundamental e vitoriosa. Trata-se, portanto, de levar a sério esses dispositivos e de **inverter a direção de análise** [...]. (FOUCAULT, 1999, p. 71, grifos meus).

Educação Sexual na proposta da *scientia sexualis*, deve, portanto, considerar o dispositivo geral de sexualidade e todos os demais dispositivos e “inverter a direção de análise”, ou seja, deslocar a repressão “perversa” e posicionar a liberação como novo mecanismo de Educação Sexual que “destona” e “descolore” o construto perverso do dispositivo de sexualidade, que é um dispositivo de poder sobre o sexo, sobre o corpo, sobre o desejo, configurado no biopoder foucaultiano.

Enfatiza-se, portanto, um “dispositivo de sexualidade invertido” que, ao invés, de reprimir e proibir, libera, promove a liberação, emancipa.

Liberação para Foucault (1999) é a própria “inversão” ao *scientia sexualis*, ou seja, a inversão daqueles discursos de verdade que reprimiram, oprimiram, reprimem e oprimem. A

liberação foucaultiana é a proposta da Educação Sexual com a aproximação à Alfabetização Científica, pelo menos, em considerações teóricas e metodológicas, ainda iniciais, em construção pelo autor (SILVA, 2020).

Estas duas assertivas de Foucault (1999), sobre possíveis interpretações de Educação Sexual são transformadas em possibilidades de uma definição que se propõe para a área no sentido e direção de uma “nova” *scientia sexualis* para ser configurada à Alfabetização Científica.

Esta “nova” *scientia sexualis* é, portanto, uma nova ciência do sujeito, do sujeito sexual, entendido por Foucault como o centro do discurso; entendido como o sujeito diverso, múltiplo, não controlado por verdades construídas sob o formato da *scientia sexualis* construída desde os séculos clássicos, a partir de XVI.

Desta forma, um currículo e um projeto social-educativo de Educação Sexual, num formato *scientia sexualis* “invertido”, deve possuir ou se caracterizar pelos pontos elaborados a seguir e que são a base para a definição de Educação Sexual aqui apresentada nesse texto:

- Não apresenta, nem representa princípios e regras; trata-se de ensino, de problematizações, de inferências, de hipóteses, de casos para análises e questionamentos.
- Identifica o dispositivo geral de sexualidade e todos os demais dispositivos em articulação e conexão e, ao identificá-los, inverte a sua ação proibitiva e repressora, conduzindo à liberação dos corpos e dos saberes sobre o sexo e sobre a sexualidade, sobre si e sobre o outro.
- Elabora e “libera” um sujeito sexual autônomo, livre, “científico”, ou seja, um sujeito sexual alfabetizado cientificamente nos assuntos referentes ao sexo e a sexualidade, às políticas e aos jogos do poder, exercendo um contra-poder “liberado”, empoderado.

Pode-se, então, organizar uma definição de Educação Sexual, a partir das considerações teóricas da *scientia sexualis* de Michel Foucault, que assim pode ser escrita:

“Educação Sexual é aquela educação que ensina-aprende, praxiologicamente, sobre uma ‘outra’ ciência da sexualidade que desvenda os discursos de poder imperantes e no seu lugar propõe diálogos que se estruturam por um discurso de ‘contra poder’, ou seja, um poder que insurge contra o dispositivo de sexualidade, este dispositivo geral que pune, reprime, proíbe. Ao ser insurgente esta Educação Sexual inverte a ‘scientia sexualis’ em direção à liberação dos corpos e dos saberes, construindo um novo dispositivo (ou novos dispositivos: contra dispositivos) como, por exemplo, dispositivos de

gênero, um novo dispositivo de direitos, um novo dispositivo de interculturalidade sexual, etc. Dispositivos outros (contra dispositivos) que permitem na escola e na sociedade serem construídas novas verdades sobre o sexo e a sexualidade humanas, nas diversidades e nos novos arranjos sexuais, sociais, familiares, políticos, etc.; uma verdade sobre sexo e sexualidade emancipatória, científico-plural”.

A definição é provisória e encaminha reflexões para que seja “modelada”, se possível, para a Alfabetização Científica de Attico Chassot, temática para a próxima seção.

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA CHASSOTIANA

A Alfabetização Científica em Chassot (2017) está longe de ser um material de metodologia ou de práticas pedagógicas, digo isso, comparando com aqueles “manuais” clássicos em Educação, em que docentes e pesquisadores(as) buscam um passo-a-passo, “pronto” para aplicar. A obra, na verdade, “provoca” uma reflexão sobre concepções de uma educação científica de docentes e discentes.

Obviamente que houve outros(as) autores(as) que trataram o tema, além de Attico Chassot, como Hurd (1958, 1998) e Anelli (2011), apenas para citar alguns e sem considerar a questão do “letramento”, discussão que não será apresentada aqui, nem comentada, por falta de espaço e tempo; mas, vale destacar que são reflexões muito ricas e, ainda, atuais.

Em linhas gerais, a Alfabetização Científica é a característica formativa que indica se o indivíduo ou a coletividade, sabe, não só reconhecer a cientificidade do “mundo físico”, mas sabe explicá-lo; sabe, com base nos conhecimentos científicos, resolver problemas deste “mundo físico” e propor soluções; tomar decisões, em prol, da coletividade.

Hurd (1958; 1998) atrela à Alfabetização Científica o impacto ou a realização de mudanças no plano social, em países democráticos. Anelli (2011) propõe alguns objetivos e algumas características ligadas à Alfabetização Científica e estão apresentadas no Quadro a seguir.

Quadro 1 – Objetivos e Características da Alfabetização Científica

Objetivos específicos para todos os estudantes	Características do estudante com atitude científica
1. Comando de informações factuais 2. Familiaridade com leis, princípios, e teorias. 3. Capacidade para distinguir através fato e teoria.	1. Disposição de mudar de opinião com base em evidências. 2. Procure toda a verdade, independentemente de assuntos pessoais, religiosos, ou preconceito social.

4. Conceito de relações causa e efeito.	3. Conceito de relações de causa e efeito.
5. Habilidade para fazer observações.	4. Hábito de basear o julgamento em fatos.
6. Hábito de basear o julgamento em fatos.	5. Poder ou capacidade de distinguir entre fato e teoria.
7. Habilidade para formular hipóteses viáveis.	6. Livre de crenças supersticiosas
8. Disposição de mudar de opinião com base em novas evidências.	
9. Livre de superstições.	
10. Apreciação das contribuições da ciência para nossa civilização.	
11. Apreciação da beleza natural ou da natureza.	
12. Apreciação do lugar do homem no universo.	
13. Apreciação dos possíveis desenvolvimentos futuros da ciência.	
14. Posse do interesse em ciência.	

Fonte: Silva (2019, p.129).

A informação segue como um primeiro recurso para a construção, por parte do indivíduo ou de uma coletividade, de pensamentos, reflexões e aquisição de conceitos, definições ou teorias sobre determinado tema ou problemática; a partir da informação e da problemática aplicativa este indivíduo ou coletividade exerce a autonomia para que possa com capacidade e habilidade defrontar os problemas do dia a dia, problemas estes, colocados “sob análise” e reflexão. São os conhecimentos científicos que adquirem e desenvolvem, junto à problemáticas reais, que caracterizam o processo de alfabetização científica.

Essa informação, ou informações, muitas vezes não são exatamente para um problema evidente e em curso. Pode ser que esta informação recebida, compartilhada não seja útil para aquele momento de “recepção” da informação. Mas será útil em alguma situação da vida. Por isso, o objetivo 5 do Quadro 1, ligado às observações, fazem parte da Alfabetização Científica, pois o indivíduo ou coletividade atua na sociedade sob uma visão outra do mundo, das coisas; a informação construída passa a ser um “*link*” sempre aberto para reflexões e posicionamentos (julgamentos); posicionamentos que podem ser alterados, sempre que os fatos e as teorias são confrontados na perspectiva humanizadora e científica.

Chassot (2017) afirma que a formação em ciências é sempre uma formação na e a partir de uma situação-problema – fatos, segundo Anelli (2011).

As situações-problema que são os fatos estão cobertas de “interferências”. Segundo Chassot (2017): sujeiras. Situações-problema sugerem “ensino sujo”, ensino “[...] séptico, isto é, encharcado na realidade cotidiana na qual buscamos o conhecimento”. (CHASSOT, 2017, p.33).

Em Chassot (2017) e estes autores aqui trazidos para a seção desse texto, é fundamental para a proposta de construção, na Alfabetização Científica, de uma Educação Sexual (*scientia sexualis* invertida), assinalar que toda alfabetização pressupõe o recurso da História, da História da Ciência.

Estes autores ajudam a construir as seguintes conclusões para uma metodologia de Alfabetização Científica, pelo menos, em linhas gerais:

- A concepção de educação científica ou educação em ciências, como máxima número 1.
- Experiências com o mundo físico e “descobertas” de sociabilidades diversas sempre constituintes de problemáticas ao pensar.
- Busca de informações sobre estas questões problemáticas (sujeiras, interferências).
- Organização dos fatos.
- Busca de teorias explicativas ou criação de outras teorias ou teorizações sobre o fenômeno-problema.
- Emissão de julgamentos, tomada de decisões e apontamentos, justificando, por exemplo, a razão da escolha de uma “solução” ao problema real e o descarte de outra(as) “solução”, inclusive, justificar a mudança de opinião, ao longo das considerações/pareceres.
- Avanço, nas causas e efeitos, nas teorias e teorizações e emitir uma decisão pautada nos conhecimentos científicos.

A metodologia proposta por Chassot (2017), rapidamente, apresentada, em apenas alguns itens reflexivos, permite que seja estruturada, a partir da definição de Educação Sexual aqui construída, uma proposta de práticas pedagógicas em Alfabetização Científica.

A EDUCAÇÃO SEXUAL (NUMA *SCIENTIA SEXUALIS* “INVERTIDA”) NUMA PROPOSTA PEDAGÓGICA EM ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

Organizar uma (breve) proposta pedagógica é o desafio desta seção, que é o desdobramento das preocupações e tentativas de se falar de uma Educação Sexual como ciência da sexualidade configurada à Alfabetização Científica. E, portanto, se pensar um currículo para a educação básica, em Educação Sexual, que permita e promova a reflexão sobre sexo e sexualidade, presentes na sociedade e que estão na contramão destes currículos escolares que, segundo Chassot (2017), são currículos “limpos” no assunto “sexualidade

humana”, ou seja, vigoram nesses currículos o dispositivo de sexualidade foucaultiano, delimitados por todos os seus modos, na proibição, no silenciamento do social e na evidência do anatômico e das doenças.

Por onde começar uma Educação Sexual (*scientia sexualis* invertida) configurada à Alfabetização Científica? Uma resposta em três frentes.

- Frente 1: Identificar o que “está limpo” e denunciar a presença “interessante” da sujeira e se debruçar sobre ela; identificar os discursos de poder (biopoder foucaultiano) que são “assépticos”, limpos, sem problemáticas, sem discussões, sem reflexões que, em seu esforço máximo, não passa de um currículo “limpo” anatômico (biologicista).
- Frente 2: Visualizar a “sujeira” dos discursos e construir informações: fatos e teorias; iniciar o processo de alfabetização científica em Educação Sexual.
- Frente 3: Problematizar, discutir as informações, desdobrando em novas problemáticas até que seja possível a enunciação de uma ciência da sexualidade que trata em profundidade todas as dimensões da sexualidade humana, sobretudo, as dimensões sociais, políticas, estéticas, (inter) culturais, etc.

Essas três frentes permitem o que se tem dito aqui sobre uma *scientia sexualis* invertida que desestrutura o dispositivo de sexualidade, liberando os sujeitos (sexuais) para além de apenas biológicos, mas sociais e políticos; aspectos que tem construído e reconstruído o sexismo, quase naturalizando, algo, que pela discussão aqui organizada, se deseja opor.

A formação científica do professor(a) é fundamental para esse projeto. A começar com um novo olhar para o Livro Didático, não apenas para execução, mas, sempre, pela problematização. Imaginemos no Livro Didático do Ensino Fundamental, em todos os componentes, quantas “sujeiras” estão escondidas sob o ensino-aprendizagem “limpo” que submete as mulheres aos espaços da casa e as meninas no quintal brincando de cuidar de filhos(as) e fazer o almoço/jantar. Todos os componentes devem ser colocados sob a temática de gênero e, num projeto mais amplo, à área da Educação Sexual, visando desconstruções do “currículo da limpeza” e a enunciação das “sujeiras discursivas” silenciadas, ignoradas; na exposição dos discursos dos dispositivos de sexualidade; é, exatamente, aqui, que repousa e se configura as propostas pedagógicas da Educação Sexual na abordagem da Alfabetização Científica chassotiana.

Enfim, a proposta pedagógica de uma Educação Sexual sob a Alfabetização Científica, passa pela apresentação de uma nova *scientia sexualis* da liberação, da resistência, dos

direitos, da emancipação, do empoderamento. Estar nessa nova *scientia sexualis* demonstraria a alfabetização científica do educador(a) que está alfabetizando cientificamente o educando(a), pois, pergunta Chassot (2017, p.72): “Poderia ser considerado alfabetizado cientificamente quem não soubesse explicar algumas situações triviais de nosso cotidiano?”.

Assim, que,

[...] poderíamos considerar a alfabetização científica como o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem. Amplio mais a importância ou as exigências de uma Alfabetização Científica. [...] seria desejável que os alfabetizados cientificamente não apenas tivessem facilitadas a leitura do mundo em que vivem, mas entendessem as necessidades de transformá-lo, e transformá-lo para melhor. (CHASSOT, 2011, p. 70).

Estamos, portanto, numa proposta que coloca à Pedagogia, não mais o “desserviço” em Educação Sexual, presente nos séculos XVII ao XIX e, talvez, até aos dias atuais, em algum grau ou dimensão; passaria a um serviço de desengrenagem do dispositivo geral de sexualidade, na medida em que, segundo a definição aqui construída, a partir da *scientia sexualis*, operacionalizaria uma ciência da sexualidade da liberação, da diversidade, da centralidade da sexualidade, como dimensão humana social e política, em ciências e, não apenas biológica que, por ser biológica é anti-gênero, no sentido ampliado, pois determina os sexos e mantém o patriarcado; perpetua as desigualdades de direitos entre homens e mulheres, bem como, não permite uma interculturalidade geracional, sob os novos moldes da sociedade contemporânea.

O Quadro 2 apresenta a configuração de uma Educação Sexual numa *scientia sexualis* na Alfabetização Científica, sob a análise do biopoder foucaultiano.

Quadro 2 – Elementos de uma *scientia sexualis* invertida, a partir do “poder” foucaultiano

DENOMINAÇÃO	CARACTERÍSTICA(S)
Relação POSITIVA	Partilhamento de poder, empoderamento e decisões conjuntas nascidas de reflexões. Junto ao potencial de liberdade de vida e não só uma ideia de emancipação, mas exercícios práticos de cidadania de poder positivo, compartilhado.
PODER é regra compartilhada e humanizadora	Regras são construídas, em conjunto, pensadas em conjunto sem detrimento de nenhuma parte.
PODER é interdição em favor da igualdade e cumprimento da lei da diversidade que, em primeira instância é humana, em segundo lugar, somente, é absolutamente “legal”, jurídica.	Tudo que fuja das regras estabelecidas deve ter interdição para se manter as liberdades individuais.

<p>PODER não censurável; é livre e aberta, naturaliza o “vergonhoso” e “imoral” ou tudo aquilo que possa ser considerado desumano.</p>	<p>Nada é proibido e se deve falar de tudo em sexualidade humana, desde a infância. O pensamento, a fala e a ação, explicadas, compartilhadas e entendidas na cultura.</p>
<p>PODER é um dispositivo (continua sendo, assim como projetou Foucault), mas um dispositivo para liberdade. PODER é libertário e elimina a cultura da repressão e da negatividade do sexo e da ciência da sexualidade.</p>	<p>Continua a perpassar tudo e todas as coisas, para garantir a liberdade e a emancipação dos sujeitos, da cultura e, sobretudo, do Direito. As decisões e as relações são horizontais, igualitárias e, portanto, não há hierarquização de PODER, mas, compartilhamento; e, então, faz sentido o <i>empowerment</i> não só para mulheres, para crianças, LGBT, movimentos dos assexuados, etc.</p>

Fonte: adaptado de Silva (2020, p.87).

Concordando com Foucault, Chassot (2011) afirma que a Alfabetização Científica é também política e nem poderia ser diferente.

Se é necessário o professor(a) ser alfabetizado cientificamente, ao mesmo tempo, esta cientificidade, não se faz sem um entendimento de poder, um poder, que, na acepção aqui desenvolvida é um poder dividido em vários pontos de apoio que formam retas contínuas, em movimento que, por sua vez, de tão dinâmicas que são, seus movimentos alteram cenários, transformam realidades.

Trata-se de um poder que não existe um polo ou um extremo e não se “concentra” para dominar, mas, se expande para fortalecer e unificar forças para subsistir, sobreviver, não somente a si, mas a todo o sistema ou rede. Este é o desafio da Educação Sexual diante da aproximação possível da Alfabetização Científica chassotiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondendo à problemática levantada nesse texto sobre as aproximações possíveis entre a Educação Sexual e a Alfabetização Científica, para a desconstrução de currículos e formações biologicistas e a construção de propostas no formato *scientia sexualis* de Foucault, em *modus* amplos e “invertidos” na história e na cultura, pode-se formular, pelo menos, três aproximações.

- Primeira aproximação possível: uma aproximação da Educação Sexual no espaço escolar no currículo que se apresente como espaço formativo de alfabetização, alfabetização científica. A Educação Sexual como Alfabetização Científica “pode” estar evidenciada nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e, portanto, abre-se um maior espaço de comprometimento do currículo alfabetizador com a Educação Sexual, de forma que, profissionais da escola e pais ou responsáveis tenham uma melhora nas relações

dialogadas sobre sexualidade humana sob as bases da Alfabetização Científica, ou seja, a Educação Sexual como aprendizagens científicas mais amplas. Uma vez no Projeto Político Pedagógico da escola e atrelado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em linguagem que faz emergir “as entrelinhas”, pelas Diretrizes dos Direitos Humanos, por exemplo, pode provocar um movimento menos tenso e resistente.

- Segunda aproximação possível: o avanço ou transposição do caráter científico-anatômico da sexualidade humana para a configuração de um *status* científico-sexual-social no dia a dia da escola e, se possível, nos Livros Didáticos e na formação inicial e continuada de gestores(s) e professores(as) junto aos pais e responsáveis. Essa aproximação teria a demonstrar que o “poder sobre o saber” (Foucault, 1999) em sexualidade que “aprisionou” mulheres (gênero), crianças e “pervertidos” é uma construção a ser “desconstruída” a partir de uma ‘metodologia’ de Alfabetização Científica caracterizada pelo *scientia sexualis* “transformador”, ou seja, aquele que busca a “liberação”, de que diz, Foucault, a liberação dos corpos (identidades sexuais), dos prazeres (afetividades, subjetividades, direitos) e dos saberes (os sentidos, as verdades). Esta segunda aproximação possível estaria no âmbito, tanto dos currículos da educação escolar quanto nos projetos sociais e políticos dos movimentos e dos partidos políticos, na busca de uma sociedade mais justa e igualitária no Direito sobre a sexualidade, numa perspectiva de Alfabetização Científica que se inicia desde a infância e a formação científica em sexualidade humana por parte do professor(a) e do gestor da escola e do sistema de ensino.

- Terceira aproximação possível: o aspecto formativo naturalizado de que a Educação Sexual articulada com a Alfabetização Científica num viés *scientia sexualis* foucaultiano “invertido”, mesmo que utópica (não lugar) torna-se, transformadora, a curto prazo de tempo, com “micro transformações” a partir de cada realidade, a realidade de cada lugar, as experiências e vivências das pessoas. Esta terceira aproximação aposta na condução de práticas vivenciadas e investigativas, de aplicação entre as várias instâncias sociais de modo que os saberes científicos se traduzam em solidariedade, respeito, afeto, acolhimento, liberdades, diálogos. Se aposta, ainda, que nessa aproximação humanizadora, emancipatória e empoderada serão circulados os conhecimentos em sexualidade humana (alfabetização científica) entre a comunidade, as famílias, os movimentos sociais, as ações dos partidos políticos, a escola, sobretudo e, finalmente, a universidade, como inter parcerias de transformação social, em cada uma dessas instâncias, trazendo felicidade às pessoas e

segurança para ir e vir, independente dos seus relacionamentos e diversidades identitárias sexuais e segurança, sobretudo, para ser homem, ser mulher, ser LGBTQ+.

Esse estudo e estas aproximações parecem estar no âmbito do “não-lugar”, como já se afirmou; mas se acredita que está na esfera possível da pesquisa e da extensão universitária, bem como, das ações diárias na escola e em outros meios de socialização.

Trata-se de um contexto temporal extremamente desafiador pensar esta temática no espaço da universidade e dos movimentos sociais. As três aproximações possíveis da Educação Sexual com a Alfabetização Científica exige, mais que envolvimento em pesquisa, envolve, sobretudo, ação militante em Educação Sexual, contra a violência de gênero, contra o feminicídio, contra a morte de pessoas LGBTQ+, contra todos os preconceitos e discriminações, contra toda “-fobia”, etc.; situações, tão perigosamente naturalizadas nos discursos de agentes políticos, intelectuais, formadores de opinião e, até nas mídias, que em seu conjunto tem dificultado muito o trabalho da Educação Sexual nas escolas, principalmente, na reprodução do construto de currículos machistas, racistas, capitalistas e que, de tão desumanizadores, não se intimidam em excluir a dimensão sexual do desenvolvimento humano, tão característico no currículo “limpo” (Attico Chassot) que apenas apontam o desenvolvimento humano como biopsicossocial.

A perspectiva aqui construída leva diretamente para algumas contribuições alcançáveis ao currículo da educação básica (o que inclui os Livros Didáticos), bem como, para a formação em Educação Sexual em movimentos sociais e partidos políticos ou outras instâncias formativo-educacionais que debatem gênero, direitos humanos, política, interculturalidade, etc.

Entende-se que a proposta ainda está na dimensão de um início de reflexões teóricas mais amplas que, em se tratando do currículo escolar, se está ainda muito distante de ser, por exemplo, uma temática nos Livros Didáticos de Ciências ou de outros componentes: o conteúdo em Educação Sexual *scientia sexualis* “invertida”, contra o “biopoder” num formato de Alfabetização Científica, ainda, só existe em teoria e hipótese; é uma luta de pesquisa e de resistência para se fazer ouvir, primeiramente os pares, depois, os agentes públicos e, paralelamente, se fazer ouvir a todos e todas, desde as crianças aos mais idosos.

Espera-se que o presente texto possa fomentar comentários críticos e encaminhamentos, tanto para o presente quanto para o futuro, num tempo de urgências de produção acadêmica na temática; que sejam desenvolvidas práticas de Alfabetização Científica, num formato educativo-formativo para o debate sobre gênero e direitos humanos,

sobretudo, gerando para a Educação Sexual, uma ampliação, ao mesmo tempo, profundidade de reflexões da graduação até a pós-graduação *stricto sensu*, desde práticas com seus relatos e, mesmo, as teorias existentes ou, talvez, a geração de novas teorias, teorizações no âmbito da Alfabetização Científica, nos temas mais diversos da Educação Sexual.

REFERÊNCIAS

ANELLI, Carol. Scientific Literacy: what is it, are we teaching it, and does it matter? **American Entomologist**, Volume 57, Number 4, p. 235-244, 2011. Disponível em: < <https://academic.oup.com/ae/article/57/4/235/2462128> >. Acesso em 5 out. 2020.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização Científica** – Questões e Desafios para a Educação. 7.^a ed. Ijuí, Editora da Unijuí, 2017 (1.^a ed.: 2000).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel.. **História da Sexualidade I**. Vontade de Saber. 13.^a ed. Rio de Janeiro, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13.^a edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

HURD, Paul. Science Literacy: its meaning for American Schools. **Educational Leader**, p. 13-52, october 1958. Disponível em: < http://edciper.com/wp-content/uploads/2016/09/Hurd_1958_Science-literacy.pdf >. Acesso em 5 out. 2020.

HURD, Paul. Scientific Literacy: New Minds for a Changing World. **Science Education**, Stanford, USA, v. 82, n. 3, 407-416, 1998. Disponível em: < <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.737.2398&rep=rep1&type=pdf> >. Acesso em 05 out. 2020.

SILVA, Claudionor Renato da. **Educação Sexual I**. Gnosiologia, CT&i, Alfabetização Científica. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

SAMPIERI, Roberto Hernández.; COLLADO, Carlos Fernández.; LÚCIO, Maria Del .Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 5.^a ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.